

# LEITURAS PROIBIDAS EM PORTO ALEGRE (1943): A POLÊMICA ENVOLVENDO O LIVRO *O RESTO É SILÊNCIO*, DE ERICO VERÍSSIMO

## PROHIBITED READINGS IN PORTO ALEGRE (1943): THE CONTROVERSY ABOUT THE BOOK *REST IS SILENCE* BY ERICO VERÍSSIMO

### LECTURAS PROHIBIDAS EN PORTO ALEGRE (1943): LA POLÉMICA EN TORNO AL LIBRO *O RESTO É SILÊNCIO*, DE ERICO VERÍSSIMO

Michele Ribeiro de Carvalho<sup>1</sup>  
Victor Soares Rosa<sup>2</sup>

**Resumo:** Trata da polêmica entre Erico Veríssimo, escritor gaúcho, e Leonardo Fritzen, padre jesuíta redator da revista *Echo do Ginásio Anchieta*, por conta dos temas abordados no livro *O resto é silêncio*, cuja primeira edição é de 1943 e é de autoria do primeiro. Objetiva discutir leituras consideradas perigosas e proibidas em função de temáticas apresentadas no objeto livro. Assume a pesquisa histórica de caráter documental no âmbito do campo da Leitura como método para operacionalizar o estudo. Elege a Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional como fonte para a coleta dos dados, apresentados por meio de notícias publicadas em periódicos no ano de 1943. Sustenta o debate no arcabouço teórico-metodológico da História Cultural a partir de pesquisadores tais como Robert Darnton e Roger Chartier. Considera que as disputas entre o escritor e o sacerdote decorrem das questões relacionadas às práticas e apropriação da leitura, as quais, no que tange ao livro *O resto é silêncio*, podem influenciar os leitores e corrompê-los. Conclui que o medo quanto aos livros e seus efeitos são evidenciados em conteúdos considerados sensíveis para um ator social, em função de sua visão de mundo ou interesses, e que isto acarreta em tentativas de censura ou controle.

**Palavras-chave:** Erico Veríssimo; *O resto é silêncio*; leituras proibidas.

**Abstract:** The article is about a controversy between Brazilian writer Erico Veríssimo and Father Leonardo Fritzen, Jesuit priest and editor at *Ginásio Anchieta* journal, because of the themes presented in the book *Rest is silence*, first published in 1943 by Veríssimo. It aims to discuss readings considered dangerous and prohibited due to themes presented in books. It is a historical and documentary research. It is developed in the Brazilian Digital Library of the Brazilian National Library Foundation where the data is collected. The data is presented through news published in periodicals in 1943. The debate is realized with the theoretical works on Cultural History by authors such as Robert Darnton and Roger Chartier. It considers that the disputes between the writer and the priest arise from issues related to the reading practices and appropriation which, as far as the book *Rest is silence*, can influence readers and corrupt them. It concludes that the fear of books and their effects are evidenced in content which are considered sensitive for a social actor due to their worldview or interests and that this leads to attempts at censorship or control.

**Keywords:** Erico Veríssimo; *Rest is silence*; prohibited readings.

**Resumen:** El artículo trata de una controversia entre el escritor brasileño Erico Veríssimo y el padre Leonardo Fritzen, sacerdote jesuita y editor de la revista *Ginásio Anchieta*, por los temas presentados en el libro *O resto é silêncio*, publicado por primera vez en 1943 por Veríssimo.

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

<sup>2</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Tiene como objetivo discutir lecturas consideradas peligrosas y prohibidas debido a temas presentados en libros. Es una investigación histórica y documental. Se desarrolla en la Hemeroteca Digital Brasileña de la Fundación Biblioteca Nacional de Brasil donde se recopilan los datos. Los datos se presentan mediante noticias publicadas en revistas en 1943. El debate se realiza con los trabajos teóricos sobre Historia Cultural de autores como Robert Darnton y Roger Chartier. Considera que las disputas entre el escritor y el sacerdote surgen de cuestiones relacionadas con las prácticas de lectura y apropiación que, en cuanto al libro *O resto é silêncio*, pueden influir en los lectores y corromperlos. Se concluye que el miedo a los libros y sus efectos se evidencian en contenidos que son considerados sensibles para un actor social por su cosmovisión o intereses y que esto conduce a intentos de censura o control.

**Palabras clave:** Erico Veríssimo; *O resto é silêncio*; lecturas prohibidas.

## Introdução

As práticas de leitura são mutáveis e dinâmicas, próprias às diversas sociedades e aos sujeitos históricos. Nota-se um desejo de controlá-las, tanto no âmbito social quanto no escolar, seja por meio de critérios proclamados por instituições, legislações ou sujeitos considerados os mais capazes para separar os bons dos maus livros, as leituras edificantes daquelas tidas como perigosas. Controvérsias no plano dos temas apresentados em diversos livros ou coleções são produtos de disputas e debates nos âmbitos supracitados, geradas por ideologias, comportamentos morais, entre outros aspectos<sup>3</sup>.

Neste estudo, busca-se analisar as ideias de leituras recomendáveis e leituras proibidas, ou leituras julgadas como imorais, por meio da rememoração da polêmica entre o escritor e intelectual Erico Veríssimo e o padre jesuíta Leonardo Fritzen<sup>4</sup>, redator da revista *Echo* do Ginásio Anchieta. Tal polêmica diz respeito ao sétimo romance de Erico Veríssimo, intitulado *O resto é silêncio*, que foi publicado em 1943, pela Livraria e Editora do Globo, com propagandas de seu lançamento publicadas na Revista do Globo e outros periódicos de circulação à época.

A abordagem teórico-metodológica está baseada em pressupostos da História Cultural, com destaque para as pesquisas de Robert Darnton (1998), sobre os livros proibidos e os recomendáveis, e Roger Chartier (1990; 2001), com estudos sobre os protocolos de leitura capazes de mobilizar a interpretação dos leitores. No plano específico da metodologia, este é um estudo qualitativo e exploratório-descritivo, alicerçado no método histórico de caráter documental.

Para esta pesquisa, a leitura e fichamento do livro *O resto é silêncio* foi o primeiro passo na busca por entender a dinâmica que sucedeu seu lançamento. O campo empírico para coleta dos dados foi a Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional. Ali, foram operadas buscas por meio do uso da expressão “*O resto é silêncio*”, título do livro, recortado para a década de 1940

<sup>3</sup> No plano específico deste debate, diversos trabalhos foram e são produzidos sob diferentes formatos. Recomenda-se, para citar alguns com fins de ilustração, a leitura dos capítulos das coletâneas *Edição e revolução: leituras comunistas no Brasil e na França*, organizada por Marisa Midori Deaecto e Jean Yves-Mollier (2013) e *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política*, organizada por Eliana de Freitas Dutra e Jean-Yves Mollier (2006). Embora as citações se refiram a duas coletâneas, há intensa produção intelectual sobre a temática leituras proibidas e perigosas.

<sup>4</sup> Padre Leonardo Fritzen S. J. (1885-1965) – Em 1899, ingressou no Seminário dos Jesuítas em Sebastião do Caí, instituição transferida, em 1900, para Pareci Novo. Em 1905, tornou-se noviço jesuíta em Barros, Portugal, aonde realizou seus votos de pobreza, castidade e obediência em 1907. Entre 1907 e 1911, cursou Filosofia em Valkenburg, Holanda. Em 1911, voltou ao Brasil e fixou-se no Ginásio Conceição, de São Leopoldo, onde lecionou até 1912. De 1913 a 1917, trabalhou no colégio Anchieta de Porto Alegre. Ordenou-se sacerdote em 1920. De 1923 a 1930, retornou ao Colégio Anchieta, onde dirigiu a revista *Echo*. A partir de 1931, dirigiu Seminários de diversas Dioceses, e até 1936 exerceu o reitorado no Seminário São José de Santa Maria. De 1942 a 1943, voltou a lecionar no colégio Anchieta. Depois de 1944, foi transferido para Salvador do Sul e para a direção do Seminário de Cerro Largo. [Fonte: LEITE, L. O. A polêmica entre Érico Veríssimo e um padre jesuíta. In: MORETTO, F. (Org.). *Érico e seu tempo*. Porto Alegre: Ediplat, 2005.]

sem discriminação de um periódico específico. As notícias recuperadas foram cotejadas com outras fontes, tais como: a autobiografia de Erico Veríssimo, *Solo de clarineta* (2005); e trabalhos científicos em formato de artigo e/ou dissertação. A leitura e a análise dos textos publicados tanto pelo autor, quanto pelo religioso e os apoiadores de ambos os lados foram de grande importância para a compreensão dos eventos envolvendo o lançamento do livro de Erico Veríssimo.

Notadamente, o trabalho compõe o universo de produções do campo da Leitura, em perspectiva histórica, circunscritas nos domínios da história da educação, dos impressos e dos intelectuais. Conforme os resultados alcançados, o fato trouxe à luz a situação da intelectualidade da época, além de demonstrar que os debates ultrapassaram as questões literária e moral.

O artigo está dividido, além desta *Introdução*, em uma seção de apresentação e exploração biográfica de Erico Veríssimo e de sua obra *O resto é silêncio* e outra para tratamento e debate da polêmica entre o autor e o padre Leonardo Fritzen em relação à obra e seus conteúdos. Por fim, são tecidas algumas considerações em relação a esta polêmica, de modo específico, e seus efeitos no que concerne às práticas de leitura.

## O romance de Veríssimo

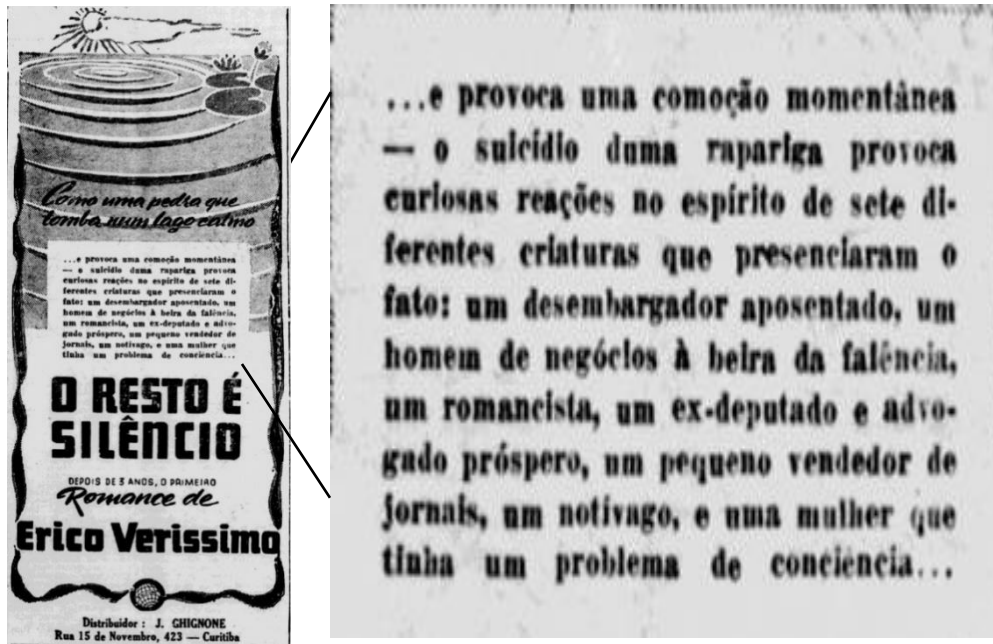
Se no início da carreira literária Erico Veríssimo precisou se dedicar a outras atividades do meio editorial, como secretário e editor da *Revista do Globo* ou como consultor da casa-editora, seu talento como romancista foi amplamente reconhecido, primeiro pelos ávidos leitores ao publicar suas primeiras obras, e depois pelas malhas do sistema literário culminando com o consagrado *O tempo e o vento*<sup>5</sup>, editado pela mesma casa-editora – Livraria e Editora do Globo – cuja parceria se estenderia por décadas.

Dentre todas as obras do autor gaúcho, o livro *O resto é silêncio* foi publicado pela primeira vez com 422 páginas, capa em brochura, somente com o nome do autor em letras pretas no topo, uma imagem seguida do título em letras vermelhas ao centro da capa e o nome da casa-editora e cidade sede ao final. Uma capa simples, sem muitos adornos, que, ao ser reeditada ao longo dos anos, recebeu tratamentos bastante diferenciados.

Propagandas sobre o livro foram veiculadas por diferentes periódicos, entre eles a *Revista do Globo*<sup>6</sup> e o jornal *O Dia* (12 jan. 1943, p. 3), do Paraná, que divulgava o novo romance, comparando-o a “uma pedra que tomba num lago calmo... e provoca uma comoção momentânea”, pois abordava o suicídio de uma jovem, que desencadeava reações a sete pessoas que o presenciaram.

<sup>5</sup> Série literária de Erico Veríssimo, organizada em *O Continente* (1949), *O Retrato* (1951) e *O Arquipélago* (1961), e que conta 150 anos da história do Rio Grande do Sul e do Brasil, vista a partir do Sul.

<sup>6</sup> Periódico quinzenal ilustrado, editado pela Livraria e Editora do Globo entre 1929 e 1967. Foi um importante instrumento de divulgação da cultura no Rio Grande do Sul, apresentando matérias sobre variedades locais, entre elas, vida social, moda feminina, atualidades esportivas e literatura. Neste sentido, atuou como vitrine para as produções da casa-editora. A qualidade das ilustrações presentes em suas páginas foi um grande diferencial para o magazine, que contou com importantes nomes das artes plásticas sul-riograndenses, como Sotero Cosme, Ernest Zeuner, Edgar Koetz, João Fahrion e Francis Pelichek, que através de suas imagens deram impulso significativo para a difusão do Modernismo no sul. [RAMOS, Paula Viviane. *A Modernidade Impressa: artistas ilustradores da Livraria do Globo – Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS EDITORA, 2016.]



**Imagem 1:** Propaganda de *O resto é silêncio* (1943), veiculada pelo jornal *O Dia* (PR) em 12 jan. 1943, p. 3.

Fonte: Reprodução de tela pelos autores a partir dos arquivos da Hemeroteca Digital Brasileira.

A obra escrita por Veríssimo conta a história de uma jovem, Joana Karewska, que cai do décimo andar de um edifício localizado no centro de Porto Alegre ao final de uma Sexta-feira da Paixão. Toda a história desenrola-se entre este dia e o seguinte, o Sábado de Aleluia.

Sete pessoas assistem a queda: Doutor Ximeno Lustosa, um desembargador aposentado; Norival Petra, um homem de negócios à beira da falência; Tônio Santiago, um romancista; Aristides Barreiro, um ex-político e rico advogado; “Sete”, um menino pobre, vendedor de jornais; “Chicharro”, um boêmio rabugento e ex-tipógrafo; e Marina, a mulher angustiada de um maestro que se apresentava na cidade.

O texto é formado por uma sucessão de histórias interrompidas e reiniciadas que configuram uma rede de relações entre as personagens, porém, centradas na figura do escritor. Erico Veríssimo analisa o comportamento humano ao descrever as reações dessas testemunhas, que assustadas pelo ocorrido, e ao perceberem a transitoriedade da existência, passam a analisar suas próprias vidas:

sete pessoas presenciam a queda da rapariga, que assim é vista de sete ângulos diferentes. O artifício me pareceu rico de possibilidades. Num romance dessa natureza eu poderia, entre outras coisas, mostrar a falibilidade da prova testemunhal e sugerir, que, em última análise, nós, os seres humanos, sabemos muito pouco uns dos outros (VERÍSSIMO, 2008, p. 20).

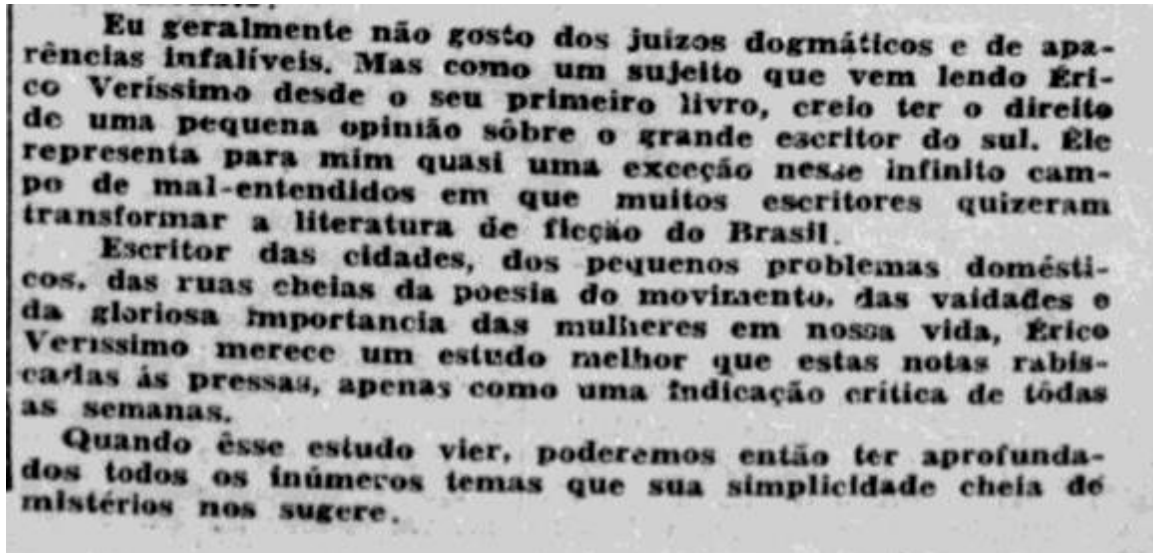
Estes sete ângulos diferentes possibilitam ao leitor se deparar com características distintas da sociedade porto-alegrense dos anos 1940, desde a marginalização do menino Sete até a ideologia socialista.

Em texto crítico, intitulado *Capítulo Erico Veríssimo*, publicado no periódico *O Dia*<sup>7</sup>, do estado do Paraná, é atribuído a Erico Veríssimo a função de “intérprete da vida, cuja mensagem não aspira nada mais do que poder exprimir o real em termos do artístico”, e afirma que o livro *O resto é silêncio* “pode se apresentar como a realização mais perfeita desse objetivo, que deve

<sup>7</sup> Edição de 11 de março de 1943, página 3.

ser, aliaz, a finalidade visada por todo romancista: ‘contar a história do homem na sua luta em pról da sobrevivência e da felicidade...’” (O DIA, 1943, 11 mar., p. 3).

O texto crítico é finalizado com uma defesa do escritor gaúcho, como é possível observar na imagem a seguir, extraída da mesma publicação do periódico *O Dia*:



**Imagem 2:** Trecho extraído do texto *Capítulo Erico Veríssimo*, publicado no jornal *O Dia* (PR) em 11 março de 1943.

Fonte: Reprodução de tela pelos autores a partir dos arquivos da Hemeroteca Digital Brasileira.

Ao longo dos anos de 1943 e 1944, a obra de Erico Veríssimo era divulgada pela Livraria do Globo por meio de propagandas em jornais e revistas de circulação à época. Com a chamada “A Editora do Globo apresenta suas últimas novidades” (O DIA, 11 mar. 1943, p. 3)., a livraria divulgava uma lista de livros recém-lançados ou lançados há pouco tempo. *O resto é silêncio* figurava com o valor de \$16 Cruzeiros e com o complemento: “Nova edição dêste belo romance do aplaudido escritor brasileiro” (O DIA, 11 mar. 1943, p. 3).

### A polêmica religiosa e a interdição de livros

Logo após ser publicada, em 1943, a obra foi combatida por um grupo de religiosos conservadores, dentre eles o padre jesuíta Leonardo Fritzen, professor de literatura do tradicional Ginásio Anchieta, que chegou a adjetivar o livro como sujo e imoral em um artigo publicado pela revista do colégio, intitulada *O Eco*<sup>8</sup>, da qual o sacerdote era redator.

O público-alvo da revista *O Eco* era a comunidade escolar e a mocidade católica brasileira, pois, segundo afirmavam os editores, não havia revistas para os jovens estudantes. A revista, de circulação mensal, apresentava cultura geral e valores católicos, por isso era destinada aos jovens católicos. Ela foi veículo para circulação de ideias, valores e comportamentos que se desejava ensinar, ou seja, a prática religiosa e as estratégias políticas e culturais.

O artigo, intitulado “Getulinho Vargas”, oferece uma breve homenagem ao filho de Getúlio Vargas, ex-aluno do Ginásio Anchieta. Contudo, logo o texto se volta para o romance de Erico Veríssimo, considerado um “veneno” para os jovens. Destaca, ainda, a popularidade

<sup>8</sup> Primeiro intitulada *O Echo*, a revista foi editada pelo Colégio Anchieta, por meio da Typographia do Centro, localizada em Porto Alegre, no período de abril de 1914 a dezembro de 1931. A partir de 1932, a revista passa a ser denominada *O Eco*, devido à reforma ortográfica, fruto de acordo entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia das Ciências de Lisboa, no sentido de ser adotado um único sistema ortográfico no Brasil e em Portugal.

da obra ao afirmar que “muita gente a entrar... e muita gente a sair... com o veneno na mão”. Em seguida, pode-se ler um ataque ao escritor:

E o resto não é silêncio – E como silenciar se autor e editor fazem mal?!... E como silenciar se ambos, com reclame barato aviltam nossa juventude, nosso caráter de brios nobres?! E como silenciar se tais publicações perante os demais Estados rebaixam o conceito do nível moral e intelectual da nossa gente? Mas também aparece quem de nome é rico, veríssimo, apresenta, porém, livro que é pobre, falsíssimo, sujo. Até é questão de a Liga e a higiene intervirem (FRITZEN, 1943, ALEV 03c0782-1943<sup>9</sup>).

Toda a preocupação girava em torno dos possíveis malefícios que a publicação poderia gerar para o Rio Grande do Sul, o que fica evidente em outro trecho do artigo:

Que juízo iriam fazer de nós, se isso fosse fruto de expoente máximo de nossa mentalidade! Não! Salvemos a honra gaúcha! Convenhamos! Não é de tais publicações que Getúlio precisa para a formação da juventude sadia, alegre e forte, pronta para as árduas tarefas do amanhã. Não é de tais obras que nobilitamos o nosso cabedal moral, nem o renome mundial da nossa raça e da nossa gente! Com vilezas não se gera nobreza! Com veneno não se robustece uma nação! (FRITZEN, 1943, ALEV 03c0782-1943).

O artigo da revista *O Eco* vedava a leitura do livro de Erico Veríssimo pelos alunos do Ginásio Anchieta. Tal restrição remete ao controle sobre as leituras exercido por figuras de prestígio, tais como o professor do colégio e redator da revista. Além da busca por se enquadrar em um modelo de sociedade considerada “sadia, alegre e forte, pronta para as árduas tarefas do amanhã”. Para tanto, via a escola como aliada “imprescindível para a formação de cidadãos” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984, p. 31), e esta deveria zelar pelas leituras oferecidas aos estudantes, para que não se desviassem desse ideal.

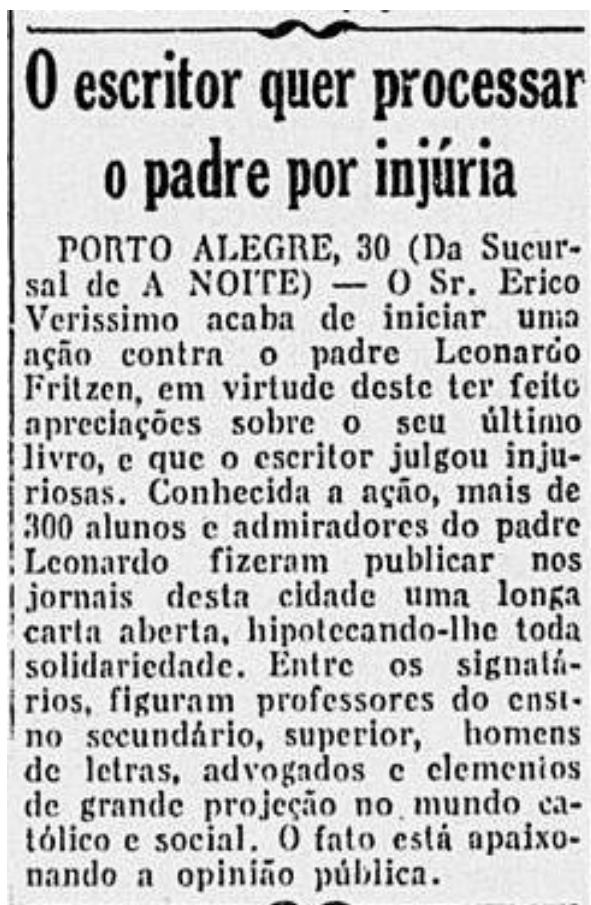
Na autobiografia *Solo de Clarineta*, Erico Veríssimo (2005), ao recordar o episódio, afirma que o padre Leonardo Fritzen não havia lido a obra e apenas a condenava por trechos considerados “eróticos”, além de analisá-la a partir de uma moral católica. Neste sentido, as pesquisas de Robert Darnton (1998) sobre os livros proibidos e os recomendáveis, e de Roger Chartier (1990; 2001), com estudos sobre os *protocolos de leitura* ou marcas inscritas na obra capazes de mobilizar a interpretação dos leitores, conferindo sentidos ao que é lido para além das palavras impressas, possibilitam refletir acerca dessa disputa entre Erico Veríssimo e o Padre Leonardo Fritzen, que movimentou os periódicos e a opinião pública.

O temor do religioso e professor do Colégio Anchieta era que os jovens se apropriassem da leitura de *O resto é silêncio* e se desviassem do caminho idealizado para os jovens católicos, ou seja, da moral, da caridade, do catolicismo.

Erico Veríssimo moveu, então, uma queixa-crime contra o padre jesuíta. Periódicos publicaram notícias sobre a polêmica envolvendo o escritor e o padre do Colégio Anchieta:

---

<sup>9</sup> Atualmente, o Acervo Literário Erico Veríssimo – ALEV – se encontra sob a guarda do Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro. É possível localizar tais documentos no sítio eletrônico <https://acervos.ims.com.br/portals/#/search?filtersStateId=7>.



**Imagem 3:** Notícia sobre o início do processo movido pelo escritor Erico Veríssimo publicada pelo periódico *A Noite*, em 30 de abril de 1943, p. 3. – Fonte: Reprodução de tela pelos autores a partir dos arquivos da Hemeroteca Digital Brasileira.

O jornal *A Noite*<sup>10</sup> (30 abr. 1943, p. 3) divulgou a matéria “O escritor quer processar o padre por injúria”, no qual destacava a vontade do escritor de acionar judicialmente o padre por suas afirmações contra o livro *O resto é silêncio*. O periódico assume um discurso que parece tentar minimizar as opiniões duras do religioso, ao tratá-las como “apreciações” que foram “julgadas como injuriosas” por Erico Veríssimo.

Outro ponto destacado pela notícia é que o padre Leonardo Fritzen recebeu a solidariedade de mais de 300 alunos e admiradores, entre esses últimos, professores, advogados e “homens de letras”, com grande “projeção” nos espaços católicos e sociais.

Alguns dias depois, em 5 de maio de 1943, o mesmo jornal informa que a “queixa do escritor Erico Veríssimo contra o padre Fritzen” foi aceita pelo 1º promotor público, conforme imagem a seguir.

<sup>10</sup> Periódico carioca, de publicação vespertina diária. Circulou entre junho de 1911 a dezembro de 1957.



**Imagem 4:** Notícia veiculada pelo jornal *A Noite*, de 5 de maio de 1943, p. 3.

Fonte: Reprodução de tela pelos autores a partir dos arquivos da Hemeroteca Digital Brasileira.

Intelectuais simpatizantes dos dois lados manifestaram-se por meio da imprensa, oferecendo apoio e garantindo repercussão nacional. O manifesto em apoio ao padre Leonardo Fritzen foi publicado em 30 de abril de 1943 e contou com a assinatura de 345 intelectuais e professores universitários católicos<sup>11</sup>. Tal manifesto foi publicado no periódico *Diário de Notícias* em abril de 1943.

Já o *Manifesto de solidariedade ao escritor Erico Veríssimo* foi assinado por “700 intelectuais, médicos, advogados, industrialistas, comerciantes, acadêmicos e elementos destacados de todas as classes” (MANIFESTO... 1943 *apud* MONTEIRO, 2011, p. 138). Tal manifesto foi publicado em 2 de maio de 1943 e contou com 650 assinaturas.

Os defensores de Erico Veríssimo posicionaram-se contra a forma de crítica escolhida pelo religioso e seus apoiadores, aproximando-os das atitudes típicas de regimes de exceção:

Agora, que Érico Veríssimo acaba de enobrecer a literatura brasileira, consagrando-se fora das fronteiras do país, e a propósito de seu último romance, uma onda sectária de intolerância, desvirtuando o real sentido de princípios morais e religiosos assás respeitáveis, levantou-se contra o escritor patricio, solidarizando-se com o autor de uma sugestão que apregoa a necessidade de efetivar algo muito semelhante as fogueiras de livros marcados pelo index do ditador de Berlim; revivescência, por sua vez, das fogueiras medievais de homens, sete anos atrás. É um contra-senso que uma tal coisa esteja acontecendo precisamente no país que foi, na América do Sul, o pioneiro da participação armada na luta contra o nazismo (MANIFESTO, 1943 *apud* MONTEIRO, 2011, p. 138).

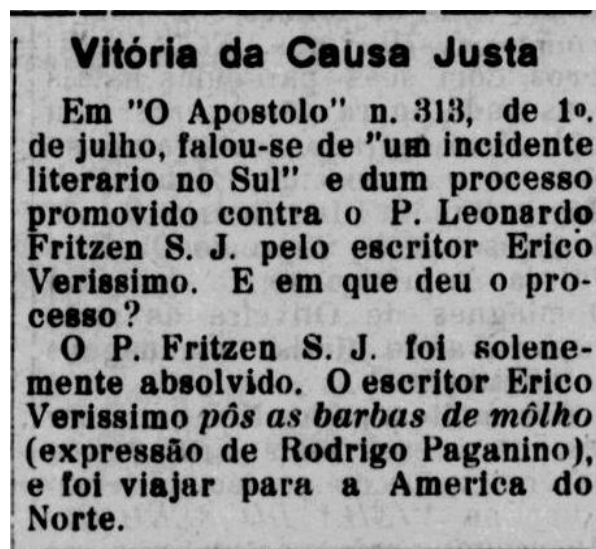
Ainda que o manifesto à favor de Erico Veríssimo aproximasse o Padre Fritzen e seus apoiadores de regimes autoritários, o manifesto escrito por estes últimos defendia a formação

<sup>11</sup> *Uma página de crítica literária e os que com ela se solidarizam – Diário de Notícias*. Porto Alegre, 30 de abril de 1943 (ALEV 03c007-43). Atualmente, o Acervo Literário Erico Veríssimo – ALEV – se encontra sob a guarda do Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro. É possível localizar tais documentos no sítio eletrônico <https://acervos.ims.com.br/portals/#/search?filtersStateId=7>.

católica de seus alunos e consideravam válido o ato do Padre Leonardo Fritzen de censurar o conteúdo da obra *O resto é silêncio*, visto que “não bastava ensinar aos alunos a religião católica, era importante que eles julgassem a obra de um não católico sob o prisma da Igreja” (TRINDADE, 1984, p. 56). Segundo o Manifesto escrito pelo grupo em torno do Padre Fritzen:

Aos sacerdotes, a lei eclesiástica prescreve que advirtam os fiéis acerca do dano e perigo advenientes dos livros maus – *Opportune moneant fideles de periculo et damno lectionis librorum pravorum*. Aos professores, acaso será lícito manterem-se indiferentes à íntima formação do caráter dos alunos? Ninguém negará, estamos tranquilos, o direito e o dever que assistem aos professores, de orientar sadiamente em tal matéria os jovens confiados à sua capacidade de educadores (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 30 abr. 1943, p. 2).

A polêmica sobre o livro *O resto é silêncio* foi encerrada com a absolvição do padre Leonardo Fritzen, acusado de injúria por Erico Veríssimo. Desgastado com a contenda e desejo de afastar-se do Brasil para “respirar ares mais livres e descansar de toda aquela choldra estado-novista” (VERÍSSIMO, 2005, p. 280), Erico Veríssimo aceita o convite do Departamento de Estado para dar um curso de literatura brasileira na Universidade da Califórnia.



**Imagem 5:** Notícia publicada no periódico *O Apostolo* – Órgão da Congregação Mariana Nossa Senhora do Desterro (SC), de 15 de setembro de 1943, p. 3.

Fonte: Reprodução de tela pelos autores a partir dos arquivos da Hemeroteca Digital Brasileira.

Os periódicos católicos anunciaram o desfecho da contenda jurídica com textos que beiravam a comemoração. Um deles foi *O Apostolo*<sup>12</sup>, de 15 de setembro de 1943, que anunciou a “Vitória da Causa Justa”, indicando o motivo do processo contra o Padre Fritzen e o resultado, uma “solene absolvição”, que levou o escritor Erico Veríssimo a “pôr as barbas de molho” e viajar para a América do Norte, precisamente, os Estados Unidos.

Decorridos mais de vinte anos desde a sua publicação, em 1966 a oitava edição de *O resto é silêncio* chega ao público, e com um prefácio que chama atenção por seu tom quase

<sup>12</sup> O periódico se apresentava como um Órgão do Apostolado da Oração. Tratava-se de uma publicação quinzenal, cuja primeira edição data de 28 de julho de 1929. A partir de fevereiro de 1930, passou a ser uma publicação mensal e em março de 1931 passou a ser um Órgão da Congregação Mariana Nossa Senhora do Desterro e filiado à Associação dos Jornalistas Católicos. [Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira].

confessional, oportunidade em que o autor faz declarações a respeito do personagem escritor, que teria sido inspirado no próprio Erico Veríssimo.

Para que se tenha uma ideia de como ao tempo que escrevi *O resto é silêncio* eu já estava sendo solicitado por outros temas, basta prestar-se atenção às reflexões de Tônio Santiago nas últimas páginas do volume, quando [...] pensa nos primeiros povoadores do Rio Grande, nas suas lutas com os índios, as feras e os castelhanos; na solidão das fazendas e ranchos perdidos nos escampados; nas mulheres de olhos tristes a esperarem os maridos que tinham ido para a guerra ou para a áspera faina do campo; nos invernos de minuanos. Nas madrugadas de geada, nas soalheiras de verão e na glória das primaveras; nas lendas que iam surgindo nos matos, nas canhadas, nos socavões da serra, nos aldeamentos dos índios e nas missões; nas povoações que surgiam e nas antigas que cresciam, transformando-se em cidades; nos imigrantes europeus e nas povoações que eles criaram e assim por diante, até aquele momento ali no teatro, onde, numa espécie de milagrosa soma, se via aquela rica diversidade de tipos humanos, nomes e almas. Não seria acaso tudo isso uma espécie de trailer de *O tempo e o vento*? (VERISSIMO, 2008, p. 22).

Neste prefácio, o autor questiona se não estaria refletindo sobre questões que o levariam alguns anos mais tarde a escrever a obra aclamada pelo público e pela crítica *O tempo e o vento*<sup>13</sup>. Ao personagem Tônio Santiago cabe a reflexão sobre os primeiros povoadores do estado do Rio Grande do Sul, seus embates e solidão, como o próprio Erico Veríssimo faria anos mais tarde, dando mais um indício de que a personagem fora inspirada no escritor da obra.

### Considerações finais

Neste artigo, buscou-se discutir elementos próprios ao campo da Leitura, em perspectiva histórica, no plano específico de compreensão das leituras consideradas perigosas e proibidas em função de temáticas apresentadas no objeto livro. Com este propósito, abordou-se a polêmica entre o escritor Erico Veríssimo e o padre jesuíta Leonardo Fritzen devido ao conteúdo do livro *O resto é silêncio*, que tem como ponto de partida o suicídio de uma mulher presenciado por sete pessoas, não obstante passagens consideradas eróticas, as quais caracterizam a obra como imoral pela ótica de sacerdote jesuíta.

A reação do Padre Fritzen pode revelar o medo de que livros com temáticas consideradas impróprias por intelectuais religiosos da época pudessem corromper os jovens, disseminando ideias perigosas, que os afastariam dos ideais pregados pela igreja. A partir deste tópico, refletiu-se sobre os aspectos relativos às disputas quanto às práticas de leitura e à apropriação do lido por jovens, evidenciados na imprensa periódica consultada que registra os embates entre os intelectuais, o escritor e o padre professor, evidentemente, circunscritos no âmbito das ideologias e morais de cada um.

Não surpreende que os livros fossem, como ainda são hoje em dia, passíveis de controle e censura por parte de figuras que ocupam lugar de destaque na sociedade. Tal objeto, considerado como capaz de moldar comportamentos e formar identidades e subjetividades. A contemporaneidade, notadamente, tem apresentado outros elementos analíticos, seja pela via de dois personagens homens que se beijam em histórias em quadrinhos ou do filho super herói

<sup>13</sup> Série literária de Erico Veríssimo, organizada em *O Continente* (1949), *O Retrato* (1951) e *O Arquipélago* (1961), e que conta parte da história do Brasil vista a partir do Sul.

que revela sua orientação sexual. Estas questões não são apenas atuais, são históricas, moldadas pelas ideologias e morais de cada tempo e de cada sociedade.

### Referências

A NOITE. *O escritor quer processar o padre por injúria*. Rio de Janeiro, 30 de abril de 1943, p. 3.

A NOITE. *Aceita a queixa do escritor Erico Veríssimo contra o padre Fritzen*. Rio de Janeiro, 5 de maio de 1943, p. 3.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, R. *Práticas de leitura*. 2. ed. rev. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 77-106.

DARNTON, Robert. *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

O DIA, 12 de janeiro de 1943, Paraná, p. 3.

O DIA, 01 de março de 1943, Paraná, p. 3.

O DIA, 11 de março de 1943, Paraná, p. 3.

DIÁRIO de Notícias. *Manifesto*. Rio Grande do Sul, 30 de abril de 1943, p. 2.

FRITZEN, Leonardo. Getulino Vargas. *O Echo*, Porto Alegre, n. 2, p. 42-46, fev. 1943.

MONTEIRO, Lorena Madruga. O resto não é silêncio: controvérsia e polarização do campo intelectual em Porto Alegre nos anos 1940. *Perspectivas*, São Paulo, v. 40, p. 121-143, jul./dez. 2011.

O APOSTOLO. *Vitória da causa justa*. Santa Catarina, 15 de set. 1943, p. 3.

VERÍSSIMO, Erico. *Solo de clarineta*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

VERISSIMO, Erico. *O resto é silêncio*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

### Sobre os autores

**Michele Ribeiro de Carvalho.** Pedagoga da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Orientadora dos cursos de Pedagogia FEBF, Matemática FEBF, Geografia FEBF; Medicina e Medicina Social. Professor II no Município do Rio de Janeiro. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2008). Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – ProPEd-UERJ. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio

Janeiro – ProPEd-UERJ. Integrante do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação (GRUPEEL).

*E-mail:* [mmichelerj@gmail.com](mailto:mmichelerj@gmail.com).

**Victor Soares Rosa.** Mestrando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista no âmbito do Programa de Excelência Acadêmica (PROEX) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) de março a agosto de 2021. Graduado em Biblioteconomia pela Escola de Biblioteconomia (EB) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Integrante do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação (GRUPEEL).

*E-mail:* [victor.soares.rosa@gmail.com](mailto:victor.soares.rosa@gmail.com).